



Dossiê

dos IMPACTOS
e VIOLAÇÕES da
VALE
no MUNDO
(SUMÁRIO EXECUTIVO)



**I Encontro Internacional
dos Atingidos pela Vale**

*I International Meeting of those Affected by Vale
I Encuentro Internacional de los Afectados por Vale*

RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 2010

Entidades Participantes do
I Encontro Internacional dos Atingidos pela Vale

[versão preliminar sujeita a modificações]







Dossiê

dos IMPACTOS
e VIOLAÇÕES da
VALE
no MUNDO
(SUMÁRIO EXECUTIVO)



**I Encontro Internacional
dos Atingidos pela Vale**

*I International Meeting of those Affected by Vale
I Encuentro Internacional de los Afectados por Vale*

RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 2010





Dossiê

DOS IMPACTOS
E VIOLAÇÕES DA VALE NO MUNDO



ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO:
Organizações Integrantes do I Encontro Internacional dos Atingidos pela Vale
[versão preliminar sujeita a modificações]
Rio de Janeiro, abril de 2010.





O que é o dossiê?

O dossiê que apresentamos, em caráter preliminar, é resultado de uma articulação mais ampla em torno do I Encontro Internacional dos Atingidos pela Vale. Este encontro visa articular e consolidar uma rede de movimentos sociais, organizações e centrais sindicais de diversos países, incluindo populações, comunidades e trabalhadores(as) atingidos negativamente nas suas formas de vida e nos seus direitos pela atuação da companhia, capaz de implementar estratégias coletivas de enfrentamento a empresa em escala global. Ele pretende ser um documento de registro das estratégias que a empresa utiliza ao iniciar sua exploração em um determinado território, do ponto de vista das comunidades, dos trabalhadores e/ou das organizações da sociedade civil que lidam com a defesa de direitos humanos e de movimentos ambientalistas.

A construção deste dossiê foi coletiva e a partir dos grupos locais. Necessariamente, as organizações apresentam diferentes naturezas, diferentes preocupações, *know how* e interesses. Priorizamos a visão dos atores e seus processos locais, em detrimento de um rigor científico e técnico, que não corresponderia ao objetivo de fortalecimento destes próprios atores sociais.





Dossiê DOS IMPACTOS E VIOLAÇÕES DA VALE NO MUNDO

Com a elaboração do documento queremos, também, dar uma maior visibilidade ao outro “lado” dos empreendimentos da Vale. Aquela face que se mostra bem diferente da imagem de sucesso, desenvolvimento sustentável, solidariedade comunitária e redistribuição social dos dividendos, tão intensamente propagada pela empresa. Apesar de não ter sido possível apresentar um documento que incluísse todos os lugares em que a Vale está presente, traremos aqui alguns dos casos paradigmáticos, que possibilitam a articulação global dos atingidos pela empresa. Isto, por si só, já constitui uma inovação e um mecanismo para quebrar os particularismos e fragmentações, unificando no mesmo espaço sindicatos, grupos de direitos humanos, advogados, movimentos sociais, ambientalistas, entre outros. Adicionalmente, permite ampliar a visibilidade das denúncias e estabelecer um maior diálogo desses grupos com a sociedade brasileira de um modo geral. E, por fim, permite questionar a imagem que a Vale constrói de si no plano simbólico, que a coloca para a população como uma empresa genuinamente brasileira e cujas atividades de exploração só trazem benefícios para o país, pondo em xeque o orgulho nacional face “a Vale dos Brasileiros”.





O que é a Vale?

A Companhia Vale do Rio Doce, atualmente denominada Vale S.A. foi fundada em 1942 como uma empresa estatal brasileira, tendo sido privatizada a partir de leilão em abril de 1997, operação que até hoje é contestada na Justiça Brasileira.

Em 2009 a Vale produziu 265 milhões de toneladas de minérios e transportou 21 milhões de toneladas de produtos de terceiros em suas ferrovias, tendo uma receita bruta de US\$ 23,9 bilhões e lucro líquido de US\$ 5,3 bilhões.

Os minerais ferrosos respondem por 61,6% de sua receita, seguidos de níquel (13,6%), alumina (5%), cobre (4,7%), serviços de logística (4,6%) e alumínio (3,6%).

Desde sua privatização a empresa teve lucros de US\$ 49,2 bilhões, sendo que US\$ 13,4 bilhões foram distribuídos a seus acionistas. Nos últimos 10 anos a Vale foi a quarta empresa mais rentável entre as grandes companhias (Boston Consulting Group).

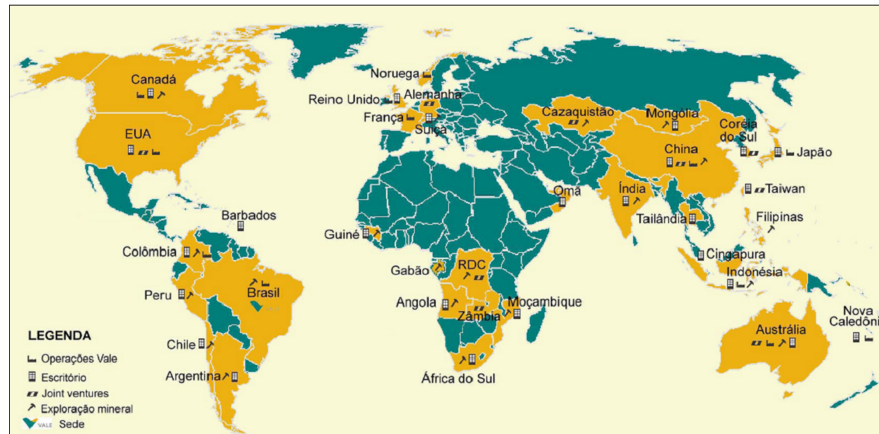
Em 25 de janeiro de 2010 seu valor de mercado era de US\$ 139,2 bilhões, o que lhe colocava na 24ª posição entre as maiores companhias do mundo segundo o Financial Times.





Dossiê DOS IMPACTOS E VIOLAÇÕES DA VALE NO MUNDO

Atualmente a Vale está presente em mais de 30 países:



A Vale é controlada pela sociedade Valepar S.A, que detém 53,3% do capital votante (33,6% do capital total). Em seguida, o Governo Brasileiro, com 6,8%, e vários investidores, cada um dos quais não possui mais de 5% das cotas (13,3% brasileiros e 26,6% estrangeiros).

A Valepar tem a seguinte constituição acionária: o fundo de pensão Previ que, por meio da sociedade Litel Participações SA, possui 39% das cotas da sociedade; a Bradespar SA (sociedade de investidores ligada ao grupo Bradesco), com 21,21%; a empresa siderúrgica japonesa Mitsui& Co. Ltd, com 18,24%; os fundos de pensão brasileiros Petros, Funcef e Fundação Cesp, que por meio da sociedade Litel Participações S.A. possuem 10% das cotas e Governo Brasileiro, que possui 11,51%.

O Governo Brasileiro detém, ainda, ações especiais (golden share), que lhe permite poder de veto em determinadas decisões.





Impactos e Violações

O perfil mais agressivo da empresa após sua privatização intensificou os conflitos sociais e ambientais causados por suas operações.

No ano de 2008 a Vale produziu 346 milhões de toneladas de minérios, enquanto que em 1997 essa produção era da ordem de 113 milhões de toneladas.

Em 2008 sua produção mineral gerou 657 milhões de toneladas de resíduos minero-metalúrgicos, que tiveram que ser armazenados em pilhas e barragens de estéril e rejeitos, com possibilidade de contaminação de recursos hídricos. Para cada tonelada útil produzida, 1,89 toneladas de resíduos mineiro-metalúrgicos foram fabricadas. Além desses resíduos mineiro-metalúrgicos, em 2008 foram geradas 487 mil toneladas de outros resíduos metálicos, de obras, domésticos, dentre outros.

Suas ferrovias causaram acidentes com mortes ou lesões graves em 23 pessoas em 2007, além de impactarem as comunidades ao longo de seu percurso com atropelamento de animais, ruído, interrupção do tráfego de pessoas e veículos em cruzamentos sem passarelas ou passagens de nível.

Nas suas operações a Vale consumiu 335 milhões de metros cúbicos de água em 2008, sendo responsável pelo derramamento no ambiente de 1.562 metros cúbicos de salmoura, álcool, hidrocarbonetos e outros poluentes.

Nesse mesmo ano suas operações impactaram uma área de 82,8 quilômetros quadrados, sendo 57,5 quilômetros quadrados na floresta amazônica. Da área total impactada, apenas 44,2 quilômetros quadrados estão em recuperação parcial ou integral.

A Vale informou a emissão de 16,8 milhões de toneladas de dióxido de carbono (CO²) na atmosfera em 2008. Esse tema é particularmente sensível às operações da empresa em relação ao tema do aquecimento global, pois além do volume elevados de emissão direta de CO², os minerais vendidos pela empresa, quando transformados por seus clientes causam a emissão de mais de 300 milhões de toneladas anuais de CO².

Aconteceram 2.860 acidentes do trabalho com afastamento em 2008, com 9 mortes.

No aspecto contábil as provisões para contingências cíveis, ambientais e trabalhistas em 1997 eram de R\$ 136 milhões, montante que em setembro de 2009 era de R\$ 1,886 bilhão.







CASOS NACIONAIS

I - O berço da Vale: Minas Gerais

A Mina de Capão Xavier

Com a implantação do empreendimento, ocorreu supressão de uma área considerada prioritária para conservação da biodiversidade, bem como o avanço da mina vem colocando em risco cavernas e sítios arqueológicos. Os Movimentos envolvidos na defesa de Capão Xavier juntamente com o MPE – Ministério Público Estadual- em maio de 2004, entraram com ação civil pública com “pedidos de tutela de urgência cumulada com improbidade administrativa” contra Estado de Minas Gerais, MBR, Fernando Damata Pimentel, prefeito municipal de Belo Horizonte e Inácio Pereira Garda Júnior, Gerente Regional do Instituto Estadual de Florestas - MG (IEF). Foi denunciado ainda o caso junto a ONU, em agosto de 2004, em uma Audiência Pública na Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, apoiada pelas Comissões de Direitos Humanos e Meio Ambiente.





O Projeto Apolo na Serra da Gandarela

A Serra da Gandarela está localizada no limite da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), dentro de uma área de proteção ambiental. A Vale realiza na Gandarela, extração de minério de ferro. Em 2008 sua capacidade produtiva foi ampliada com a compra da Mineração Apolo, que elevou em quase 1 bilhão de toneladas as reservas de minério de ferro da empresa no chamado Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais. O Projeto Apolo consistiu na abertura de uma mina com capacidade de produção de 24 milhões de toneladas de minério de ferro por ano e implantação de uma usina de beneficiamento da matéria-prima nos municípios de Caeté e Santa Bárbara, na Região Central do estado. São muitos os impactos: mau uso dos recursos hídricos e piora na qualidade das águas, destruição de vegetação e intromissão em APPs (Área de Proteção Ambiental) e emissão de poluentes.

Relato do Metabase

Os resultados financeiros da Vale demonstram que a sua situação financeira é boa. No entanto, a crise é utilizada como justificativa para corte de funcionários e desmonte de direitos trabalhistas conquistados ao longo dos anos. Desde o início da crise econômica mundial, a Vale demitiu cerca de 1.500 trabalhadores diretos e 12 mil terceirizados, de um total de 120 mil trabalhadores em todo o mundo, sendo a metade de terceirizados. O medo constante de cortes no quadro de funcionários da empresa gera uma sensação de agonia em todos os funcionários e até já causou o suicídio de um funcionário em Itabira no dia 16 de maio de 2009. Ao mesmo tempo a empresa continua gerando dividendos altíssimos para seus acionistas.





II - Carajás (PA e MA)

Canaã dos Carajás, Parauebas e Marabá, no Pará

São cinco projetos anunciados que incidem diretamente sobre as condições socioeconômicas e ambientais no município de Canaã dos Carajás. Em Parauebas com a implantação de infra-estruturas do projeto Salobo para a extração e transformação de minério de cobre, as comunidades vêm sendo expulsas e sofrendo graves impactos sobre suas vidas. A Vale vende minério de ferro e transporta o ferro gusa produzido por 8 gusarias situadas no municípios de Marabá, além de 8 usinas localizadas nos municípios Açailândia, Santa Inês e Rosário, no Estado do Maranhão. Alguns impactos: poluição de igarapés, aterramento de nascentes, desmatamentos e derrubadas, destruição de postos de trabalho, piora na qualidade de vida, aumento da prostituição (principalmente infantil), poluição sonora, aumento de doenças.

Distrito Industrial de Piquiá no Pólo Guzeiro de Açailândia, no Maranhão

Em Açailândia a Vale possui uma carvoaria com 71 fornos industriais que causa muita poluição. Em Piquiá temos atualmente em operação cinco usinas siderúrgicas. Toda esta cadeia siderúrgica é alimentada a partir de minérios da Vale, que é a única fornecedora das cinco usinas em funcionamento na região. Os impactos do pólo siderúrgicos em Piquiá podem ser divididos de modo geral em dois grandes grupos. O primeiro relacionado com etapas da cadeia anterior ao processo produtivo do aço propriamente dito, ou seja, relacionado à logística, como os impactos causados pela ferrovia, e à produção de insumos para a produção de aço, como o carvão vegetal. E o segundo relaciona-se com os impactos negativos do processo de produção de aço sobre as populações.





Os Fornos de Califórnia

Em Açailândia, ao lado do assentamento Califórnia, com mais de 1.800 moradores assentados há 13 anos, instalou-se em 2005 o empreendimento da Ferro Gusa Carajás (FGC). A empresa controlada pela Vale dedica-se à produção de carvão vegetal destinado a alimentar a siderúrgica da Vale em Marabá. O empreendimento é conhecido como Unidade de Produção de Redutor (UPR2), que é o carvão para siderurgia. Os moradores do assentamento sofrem com as atividades da empresa e são obrigados a respirar diariamente as fumaças que saem de suas chaminés.

Usina de Pelotização e o Pólo Siderúrgico e o porto de São Luís

Em São Luís a Vale está expandindo o porto de Ponta da Madeira, parte de um projeto bem maior de duplicação de toda a cadeia de exportação do minério (novas minas e duplicação dos trilhos). Essa ampliação, que está obtendo licenciamentos ambientais fragmentados, comportará um forte aumento da poluição e do impacto socioambiental no corredor de Carajás.

Ao longo dos últimos anos, foi aventada a implantação de um projeto de grandes empreendimentos siderúrgicos da Vale na capital do Maranhão. A produção de aço pretendida para o Pólo Siderúrgico de São Luís implicaria na emissão de 35,6 milhões de toneladas/ano de Dióxido de Carbono (CO²), principal responsável pelo efeito estufa. Além dos riscos ambientais, o impacto social também seria muito forte. De fato, seriam removidas 14.400 pessoas de 11 comunidades rurais existentes na área, que perderiam ao mesmo tempo seus empregos e moradias. A resistência popular na cidade de São Luís conseguiu barrar esse empreendimento, até que em 2009 a Vale mudou seus planos e direcionou os projetos para o Espírito Santo e Rio de Janeiro.





A Cadeia Produtiva do Alumínio no Distrito Industrial de Barcarena

A produção de Alumina e Alumínio através das subsidiárias Alunorte e Albrás tem causado significativos impactos no município de Barcarena pela emissão de poluentes e, sobretudo pelos acidentes ocorridos.

No processamento de produção de alumina e alumínio pelas empresas do grupo Vale em Barcarena, é enorme a poluição do ar pela emissão de gases cáusticos e poeiras corrosivas. São liberados dióxido de enxofre e trióxido de enxofre.

III - A Vale na Baía de Sepetiba, no Rio de Janeiro

A Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA)

A Vale é sócia minoritária (26,8%) da ThyssenKrupp na construção da Companhia Siderúrgica do Atlântico - TKCSA para produção de 5,5 milhões de toneladas/ano de placas de aço, utilizando carvão mineral da Colômbia (4 milhões de toneladas/ano) e localizada no município de Itaguaí.

Quando estiver em operação a TKCSA emitirá 273,6 mil toneladas ano de poluentes, sobretudo monóxido de carbono (229.758 toneladas) e dióxido de enxofre (21.540 toneladas). Além da emissão de poluentes, serão gerados 1.300.000 toneladas anos de escória de alto forno e 382.000 toneladas de escória de aciaria. Há suspeitas que no Estudo de Impacto Ambiental apresentado pode ter subestimado a concentração de poluentes em função da utilização de dados incompletos sobre a ocorrência de calmarias. Adicionalmente, há denúncias de que a empresa está atuando na área juntamente com grupos de milícias (paramilitares) que vêm ameaçando aqueles que se opõem ao empreendimento.





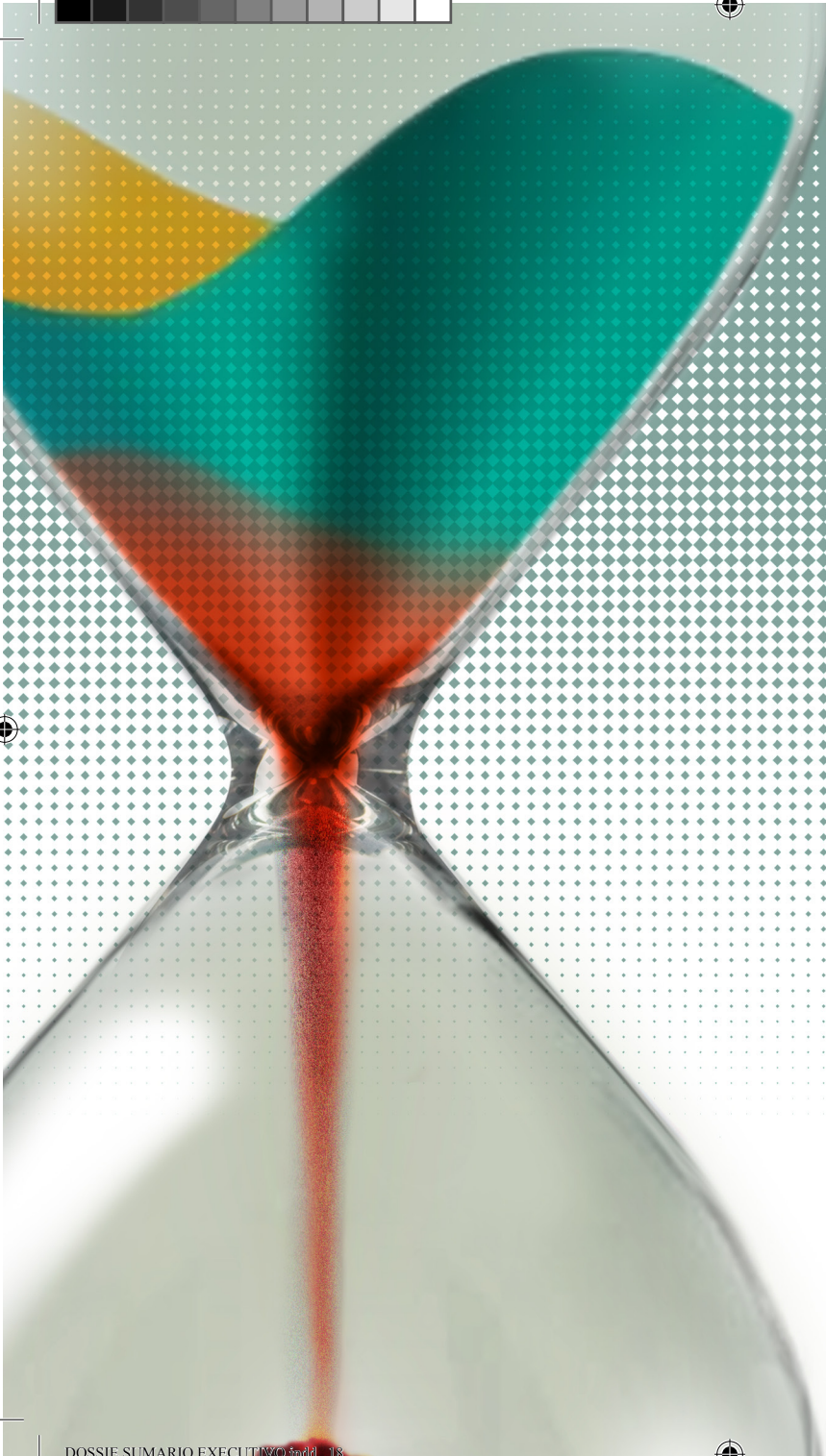
IV - A Produção de Ferro Liga pela Vale em Corumbá — Pantanal/MS

A exploração de minérios na morraria do Urucum ocasionou na seca do principal fornecedor de água da Região, o córrego Urucum. Desde 2002 a Vale enfrenta duas ações na justiça por ter soterrado a nascente do córrego após uma explosão para mineração do manganês. Laudos foram conclusivos e apontaram a responsabilidade para a mineradora que, a cada sentença proferida recorre em outras instâncias. O desastre ambiental afetou a vida de 138 famílias, cuja maioria, vendeu suas terras para a mineradora Vale e foi para outra região. Os que ficaram sofrem com a constante falta e racionamento de água, que é controlado pela mineradora.

V - A Companhia Siderúrgica do Pecém — CE

A tentativa da Vale de instalar uma usina no Ceará se arrasta desde 2005. A usina terá capacidade, segundo a empresa, de produção de 3 milhões a 6 milhões de toneladas por ano de placas de aço. Seu plano é ter em 2013 uma capacidade inicial de 3.000.000, que será duplicada em 2015. Desde que, em 1996, o empreendimento Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Cipp) teve sua instalação autorizada, cerca de cem famílias indígenas Anacé que habitam os municípios de São Gonçalo do Amarante e Caucaia, na região litorânea do Ceará, já foram obrigadas a deixar seu território tradicional e outras deverão fazer o mesmo com o início da construção do complexo.







CASOS INTERNACIONAIS

VI - Os Impactos da Atuação da Vale no Chile (Chile)

A Companhia Mineradora Latino-Americana, filial da Vale no Chile, atua na comunidade de Illapel e Salamanca. O projeto está sendo implementado e se resume a explorar minérios para abastecer uma planta de processamento com capacidade de 5000 toneladas ao dia de cobre. Estes empreendimentos terão inúmeros impactos sobre as populações locais.

VII - Vale na Argentina: conflito no projeto de Potássio Rio Colorado (Argentina)

O projeto se situa no sul de Malargüe. A extração de minério se dá por dissolução e bombeamento do minério. O projeto responde ao crescimento acentuado no mercado internacional da demanda por fertilizantes. Suas ações impactarão uma bacia hidrográfica de cerca de 25 mil habitantes e destruirá boa parte de sua fauna e flora, com um risco elevado de salinizar o Rio Colorado, principal bacia abastecedora de água na Argentina.





VIII - Vale em Cajamarca (Peru)

Em 2003 a Miski Mayou, subsidiária da Vale, inicia um empreendimento minerador em Cajamarca. Em 2006 a Comissão de Gestão Ambiental Sustentável do governo regional de Cajamarca realizou uma blitz e constatou a presença de milícias armadas dentro do empreendimento, numa clara estratégia impositiva e revelando uma postura por parte da empresa que viola direitos. Como resultado dos protestos contra a empresa, muitas lideranças de organizações e movimentos sociais vem sendo criminalizados e perseguidos.

IX - A Ofensiva da Vale no Canadá (Canadá)

A história da Vale no Canadá é a história da resistência dos trabalhadores ao poder do capital globalizado. Desde julho de 2009, o sindicato dos mineiros — o United Steelworkers, ou cerca de 3.500 trabalhadores de 3 comunidades canadenses estão em greve contra a Vale-Inco. A empresa, tomando como justificativa a crise mundial, vem tentando reduzir e extinguir direitos dos trabalhadores canadenses.

X - Enfrentando Redes de Poder Corporativas: comunidade envenenada por refinaria da Vale Inco exige justiça (Canadá)

O artigo traz a história da comunidade de Port Colborne, no Canadá, que a partir de 1999 descobriu que os solos e as águas da região encontravam-se seriamente contaminados por níquel e óxido de níquel. A contaminação coloca em risco a saúde da população, podendo causar doenças e até câncer e leucemia. A Vale Inco possui uma refinaria desde 1918 que fica próxima a áreas residenciais e de agricultura. Desde 2001 os moradores de Port Colborne entraram com uma ação judicial coletiva contra empresa, que em 2005 foi reconhecida como legítima pelos tribunais canadenses. Foi a primeira vez na história do Canadá que uma ação como essa foi aceita. Trata-se também da maior ação coletiva por danos ambientais da história do Canadá.





XI - Desenvolvimento, não destruição: carta aberta aos moradores de Long Harbour, Newfoundland e Labrador (Canadá)

Organizações e movimentos sociais do Canadá, reunidos na Aliança Sandy Pond, vêm protestando contra a destruição continuada do meio ambiente nas áreas do entorno dos locais de mineração e de siderurgia em Long Harbour, Newfoundland e Labrador.

XII - Waste not, Want not: a luta de uma companhia contra Newfoundlanders e Kanaks (Canadá - Nova Caledônia)

Vale Inco quer despejar cerca de 400.000 toneladas de dejetos a cada ano em Sandy Pond como parte de uma proposta para operar a baía de níquel Voisey em Long Harbour, Canadá. Em Kanaky-Nova Caledônia, a companhia mineradora quer construir um duto para resíduos da atividade de mineração dentro do oceano. O artigo faz uma análise transversal da luta implementada pelas comunidades dos dois países contra os impactos e violações cometidas por uma mesma empresa: a Vale.

XIII e XIV - A Vale em Moçambique

O Projeto de Carvão Moatize visa à exploração de dois tipos de carvão: metalúrgico e técnico. Cerca de 1.100 famílias serão deslocadas com a instalação do Projeto Carvão Moatize. Além de já sofrerem um alto custo social com a perda de suas terras, ainda sofrem impactos na saúde devido à poeira e ao ruído, alterações nas relações sociais, destruição das formas de sustento, mudanças radicais nas culturas tradicionais como exumação de corpos e deslocamento de atividades econômicas locais. A Vale tem desrespeitado os direitos dos trabalhadores, os mantido com vínculos contratuais precários, pondo-os numa situação constante de insegurança. Esses processos não foram transparentes e jamais envolveram





indenizações ou compensações pelos danos sofridos pelas comunidades e pelos trabalhadores.

XV - Reivindicando direitos: as lutas freqüentes da comunidade Sorowako (Indonésia)

Traz um depoimento de uma menina da comunidade Karonsi'e Dongi da ilha de Sulawesi na Indonésia onde a Vale Inco explora minas de níquel. A comunidade tradicional de Karonsi'e Dongi, que vivia da agricultura e do extrativismo, em 1957 foi obrigada a abandonar suas terras ancestrais por causa de uma guerra civil. No período em que ficaram refugiados e ainda sob uma era autoritária chamada "Regime de Nova Ordem" a Inco assinou com o governo da Indonésia um contrato de exploração de níquel nas terras dos Karonsi'e Dongi. Findado o regime autoritário e a guerra civil, quando os Karonsi'e Dongi resolveram no ano 2000 retornar para suas terras, encontraram as mesmas muito diferentes. No lugar da lavouras, casas e até do cemitério Karonsi'e Dongi só encontraram minas para exploração de minério, um campo de golfe e dormitórios para os mineradores da Inco. Hoje 30 famílias lutam para ter suas terras de volta. Encontram-se em situação de pobreza e carência de serviços básicos como água e luz, vivendo em cabanas no entorno da área apropriada pela Vale Inco e não conseguem mais trabalhar. Além disso são constantemente ameaçados pela polícia e pelos guardas armados que trabalham para a Vale Inco.







Dossiê DOS IMPACTOS
E VIOLAÇÕES DA VALE NO MUNDO





Resumindo...

As atividades da Vale causam acentuados impactos sobre os territórios e as populações que os habitam, gerando altíssimos custos sociais e passivos ambientais que são raramente divulgados dos documentos oficiais da empresa. Desmatamento, deslocamento de populações, destruição de modelos tradicionais de subsistência, poluição atmosférica, intervenções em mananciais de abastecimento público, contaminação de cursos d'água são atividades que acompanham o percurso da Vale desde a exploração dos minérios, passando pela transformação e pelo transporte de seus produtos até os mercados finais.

Em todas as áreas de exploração da Vale se conforma um modelo de desenvolvimento desigual e concentrador. Os lucros ganhos em cima das riquezas naturais e da força de trabalho, são privatizados e transferidos sob a forma de dividendos para os principais acionistas da empresa. Ao mesmo tempo, todos os custos sociais e os passivos ambientais resultantes das atividades da Vale são ignorados e desconsiderados no discurso e nos relatórios de atividades oficiais da empresa, como relatam os casos contidos neste dossiê preliminar.





I Encontro Internacional dos **Atingidos** pela Vale

I International Meeting of those Affected by Vale
I Encuentro Internacional de los Afectados por Vale

RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 2010

(Entidades Participantes do I Encontro Internacional dos Atingidos pela Vale)

